

Casas da Nova Aliança:  
chaves antropológicas, apelos ecológicos  
*Houses of the New Covenant:*  
*Anthropological keys, ecological appeals*  
*Maisons de la Nouvelle Alliance :*  
*Clés anthropologiques, appels écologiques*

ARMINDO DOS SANTOS VAZ\*

**Abstract**

The “house” appears frequently in the landscape of the New Testament. Seen from many perspectives, it attracts many facets of human life: anthropological, sociological, psychological and even ecological. Here we look at the life of houses, both within and without: at how Jesus in his public ministry gave them priority and how private houses were placed at the service of the spread of the Gospel at the beginning and development of the early apostolic churches. We can then observe that the word and the reality “house” were also used in a metaphorical sense, referring to realities of a higher order. Extending its metaphorical sense further, planet Earth has been recently seen as the “common house” of humans and of all living creatures and the natural world. The metaphor of the “common house” refers to the human, animal, vegetal and natural kingdom, and

---

\* Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; <https://orcid.org/0000-0002-2239-670X>; [armindovaz@carmelitas.pt](mailto:armindovaz@carmelitas.pt).

invites humans to live together harmoniously and respectfully in a house that belongs to them but also to all other beings.

**Keywords:** House; Houses of the New Covenant; Metaphor; “Common House”; Ecology.

### Resumo

A «casa» surge frequentemente na paisagem do Novo Testamento. Vista de muitas perspectivas, atrai a si várias facetas da vida humana: antropológicas, sociológicas, psicológicas e até ecológicas. Aqui atentamos na vida das casas, das casas para dentro e das casas para fora: na forma como Jesus no seu ministério público as privilegiou e como as casas particulares foram postas ao serviço da difusão do *evangelho* no início e desenvolvimento das primitivas igrejas apostólicas. Então percebe-se que a palavra e a realidade *casa* foram usadas também com sentido metafórico, remetendo para realidades de ordem superior. Alargando mais o seu sentido metafórico, recentemente tem-se visto o planeta Terra como «casa comum» dos humanos e de todo o capital natural: a metáfora da *casa comum* referida ao reino humano, animal, vegetal e natural convida os humanos a conviverem harmoniosa e respeitosamente numa *casa* que é deles mas também de todos os outros seres.

**Palavras-chave:** Casa; Casas da Nova Aliança; Metáfora; «Casa comum»; Ecologia.

### Résumé

La « maison » apparaît souvent dans le paysage du Nouveau Testament. Vue sous plusieurs angles, elle attire diverses facettes de la vie humaine : anthropologique, sociologique, psychologique et même écologique. Nous regardons ici la vie des maisons, les maisons à l’intérieur et les maisons à l’extérieur : dans la manière dont Jésus dans son ministère public les a privilégiées et comment les maisons privées ont été mises au service de la diffusion de l’évangile au début et au développement des églises apostoliques primitives. Il est donc clair que le mot et la réalité *maison* étaient également utilisés dans un sens métaphorique, se référant à des

réalités d'un ordre supérieur. Élargissant encore son sens métaphorique, la planète Terre a récemment été vue comme la « maison commune » des humains et de tout le capital naturel : la métaphore de la *maison commune* faisant référence au règne humain, animal, végétal et naturel invite les humains à vivre ensemble harmonieusement et respectueusement dans une maison qui est la leur mais aussi celle de tous les autres êtres.

**Mots-clés :** Maison ; Maisons de la Nouvelle Alliance ; Métaphore ; « Maison Commune » ; Écologie.

### Introdução

A «casa» é amplamente tida em consideração na paisagem do Novo Testamento. Com as palavras *oikia* e *oikos*, é mencionada 209 vezes. Contém sugestões polifônicas e polissêmicas, podendo ser olhada de muitas perspectivas, pois é um polo que atrai a si muitos lados do viver humano e faz pensar em aberturas que enriquecem de consistência as lides da casa. Aqui procuraremos explorar mais o seu alçado antropológico e sociológico, fixando-nos em recantos psicológicos e, com as chaves que os textos bíblicos oferecerem, abrindo daí portas e janelas para o campo aberto, onde necessariamente deparamos com apelos *oïko*-lógicos.

#### 1. A casa e Jesus ou as casas de Jesus

Se atentarmos nas primeiras personagens da Nova Aliança, notamos logo, ainda antes do nascimento de Jesus, uma relação incarnada com a casa. Lucas, o pintor, abre o seu evangelho com o quadro da visita de Maria à casa da sua parente Isabel: «Maria entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.»<sup>1</sup> Além da saudação, tudo ali era comunicação. Até os infantes das respetivas mães grávidas se comunicavam. O filho de Maria fez «saltar de alegria o menino [de Isabel] no seu ventre». Quando a Nova Aliança, representada por Jesus no seio de Maria, veio visitar, saudar e completar a Antiga Aliança, representada por João no seio de Isabel, esta saltou de alegria: sentiu-se acolhida. É a polifonia das relações familiares

---

<sup>1</sup> Lc 1,40.

e dos afetos mais íntimos que brota do gozo de receber em casa pessoas da mesma carne, do mesmo sangue e do mesmo povo. Da sua casa de Nazaré, Maria levava para a casa da prima a Palavra de Deus, que ia ganhando textura, nervos, sangue e vida no seu seio de mãe e que, passados seis meses, ela iria dar à luz como Mistério<sup>2</sup>. A casa de Zacarias era uma casa de espiritualidade, que recolheu a vida nova dos dois primos que estavam no ventre das respectivas mães. Era a casa das bênçãos: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.»<sup>3</sup> Abençoadas Maria e Isabel com o dom inexcedível do respetivo filho, na casa das laudes, dos louvores mútuos em verdadeira humildade: «Donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?... A minha alma engrandece o Senhor.»<sup>4</sup> Maria e Isabel louvam Deus pelo que Ele é e pelo que Ele fez: fazem da casa um santuário de oração<sup>5</sup>.

Quanto aos relatos da infância de Jesus<sup>6</sup>, sendo abertamente *midrá-chicos* não permitem saber se ele terá nascido numa casa. A letra do *midrás* diz que Maria, dando à luz, «o reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria»<sup>7</sup>. Nem se sabe se ele terá voltado lá. Mas isso faz pensar. A casa onde se nasceu é o sítio aonde se volta sempre com gosto, para reviver momentos inolvidáveis, para fazer memória das rotinas caseiras que a poeira do tempo não conseguiu cobrir. No entanto, se Jesus nasceu em Belém, não terá voltado ao passado saudoso. Logo depois de nascido, segundo o *midrás* de Mateus<sup>8</sup>, foi migrante forçado, perseguido, sem o aconchego de uma casa: terá fugido para o Egito, para escapar à espada do poderoso rei tirano.

Depois «veio para Nazaré»<sup>9</sup>, ele, o peregrino que «esteve em casa» cerca de trinta anos e que não morreu em casa. O «seu reino não era deste

---

<sup>2</sup> Cf. Cl 1,27.

<sup>3</sup> Lc 1,42.

<sup>4</sup> Lc 1,43.46-48.

<sup>5</sup> Cf. Ermes Maria Ronchi, *As Casas de Maria* (Paulinas: Prior Velho, 2009), 25-34.

<sup>6</sup> Mt 1-2 e Lc 1-2.

<sup>7</sup> Lc 2,7.

<sup>8</sup> Cf. Mt 2,13-15.

<sup>9</sup> Lc 2,51.

mundo..., não era daqui»<sup>10</sup>. Mesmo estando sem casa, sabia bem que tinha a «casa do Pai», aonde voltar e chegar<sup>11</sup>, evocando Ulisses que, após vinte anos de luta com a vida, sentia necessidade de voltar à almejada casa da sua pátria. De qualquer maneira, *na casa de Nazaré*, onde «cresceu em sabedoria, em estatura e em graça»<sup>12</sup>, Jesus ia descobrindo a doçura da ternura murmurada e do amor oferecido pela mãe e renovado pelo pai. Lá, Maria viveu a realização do seu amor por José e pelo filho Jesus.

Durante os três anos de ministério público, Jesus entrou em muitas casas, sem as habitar longamente: só o suficiente para conhecer e amar as pessoas que as habitavam. Gostando de estar onde decorria a vida, o quotidiano das casas oferecia à salvação a boa oportunidade para esta acontecer e para se divulgar, no espaço próprio da simplicidade, da amizade e da comunhão. A sua presença radiante de graça inundava as casas da sua mensagem poderosa, de festa, de bem-estar, de perfume, de perguntas, de cura e de vida definitiva: «Saindo da sinagoga, entrou na casa de Simão» e curou a sogra dele<sup>13</sup>. Visitava os amigos nas suas casas.

Favorita foi *a casa de Betânia*, a dos seus três amigos (Marta, Maria e Lázaro), aberta à amizade, especialmente para com Jesus: «Entrou numa aldeia; uma mulher chamada Marta recebeu-o em sua casa.»<sup>14</sup> «Ofereceram-lhe lá uma ceia... Então Maria, tomando 300 gramas de bálsamo de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus... A casa encheu-se da fragrância do bálsamo.»<sup>15</sup> Na casa que recebeu Jesus, a cena suspende a respiração. No centro está ele, objeto das atenções. De cada lado da casa fazem-se à frente duas personagens que, com duas atitudes diametralmente opostas, trespasam os sentimentos dos presentes. De um lado, Maria, cujo perfume, simbólico, todo o seu precioso amor, o amor de uma vida, o mais caro e melhor que tinha da vida, derramado todo em obséquio a Jesus, enche uma casa/família e dá sentido a uma existência;

---

<sup>10</sup> Jo 19,36.

<sup>11</sup> Jo 16,7; 14,2-4.

<sup>12</sup> Lc 2,52.

<sup>13</sup> Lc 4,38-39; Cf. Mc 1,29-30.

<sup>14</sup> Lc 10,38.

<sup>15</sup> Jo 12,1-8.

esbanja generosidade, no amor dado a Jesus, exaltando e cantando o excesso do dom da vida dele. Do outro lado, Judas, que censura, mesquinho, o gesto louco da anfitriã como sendo um desperdício: o que foi dado a Jesus não vale a pena, é uma perda que se poderia evitar com um gesto alternativo a favor dos pobres. Mas Jesus aprova a ação de Maria e dá a entender quem compreendeu a sua mensagem e a sua vida<sup>16</sup>. *Betânia*, que etimologicamente poderia significar «casa do pobre», torna-se casa do perfume da vida.

*A casa da «boda em Caná da Galileia»* aparece como a casa onde a vida celebra a sua festa, mas também como a casa de um drama, porque foi a da boda onde «faltou o vinho»: nas bodas de Deus com o povo de Israel, o judaísmo do tempo de Jesus tinha deixado faltar o *amor* à aliança, agora vazia de conteúdo. Naquela casa da boda, o «convidado» Jesus inaugurou a Nova Aliança, cujo conteúdo era o amor: no denso *midráš* de Jo<sup>17</sup>, o convidado de honra aparece como o noivo das novas núpcias de Deus com a humanidade nova, o noivo que «guardou o vinho bom até agora»; transformou a água das instituições judaicas no vinho do seu Espírito/amor, um vinho cujo sabor não se esquece, um vinho para recordar. De facto, onde se celebra o amor não falta o vinho da alegria.

*A casa de Zaqueu* foi aquela em que Jesus sentiu ser necessário ficar: «Hoje é preciso [deĩ] que eu fique em tua casa.»<sup>18</sup> A razão era: «Hoje chegou a salvação a esta casa.»<sup>19</sup> Era necessário para o fazer parar fazendo contas à vida, outras contas que não as de cobrador de impostos, contas de coração e não de matemática. Era necessário para o convidar a fazer o ponto da situação da sua vida, vendo bem para onde a estava a orientar, para aferir da sua opção fundamental na vida.

O Jesus que os evangelhos nos dão a conhecer privilegiava o ambiente doméstico e familiar enquanto espaço alternativo que favorecia os encontros com a vida humana ao pregador itinerante – «as raposas têm

---

<sup>16</sup> Cf. Francis J. Moloney, *El evangelio de Juan* (Estella: Verbo Divino, 2005), 360-371.

<sup>17</sup> Cf. Jo 2,1-12.

<sup>18</sup> Lc 19,5.

<sup>19</sup> Lc 19,9.

tocas e as aves do céu ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça»<sup>20</sup>. O Novo Testamento não refere a casa onde vivia Jesus com os discípulos que ele chamou «para estarem com ele»<sup>21</sup>. Quando lhe terão perguntado «Mestre, onde moras?», remeteu-os para o essencial: «Vinde e vereis»<sup>22</sup>, «fazei casa» comum e experiência de vida comigo, vinde e anotai a relação exata com as pessoas, com as coisas, com a natureza; vede como as trato; vinde ver como vivo, o que digo e o que faço; vinde «estar comigo» e aprendei a interpretar a vida que vos foi dada. Então sentir-vos-eis hospedados e acolhidos na casa de um Pai<sup>23</sup>.

A frequência das casas por Jesus até deixa entender que a comunhão com ele nos encontros e banquetes não era total<sup>24</sup>. De facto, se Jesus era compreendido por muitos, tanto da casa para dentro como da casa para fora, também foi o grande incompreendido das instituições judaicas do tempo. O filho mais velho da parábola do pai misericordioso, que as representa<sup>25</sup>, quis ficar fora de casa. Não quis participar do banquete e do festival da fraternidade universal que decorria dentro da casa do pai com o outro irmão. O ressentimento para com «esse teu filho», a incapacidade para chamar «irmão» ao seu irmão, deteve-o fora da casa paterna.

## 2. A casa forma e congrega as comunidades apostólicas

As igrejas apostólicas, empenhadas na vivência e na difusão da palavra de Jesus, não se preocuparam com a construção de templos. Foram formando uma federação de casas abertas para o mundo, movidas pela ação do Espírito; e foi nelas que foram prestando culto a Deus e a Jesus. Foi no expressivo quotidiano das casas que surgiram as primeiras comunidades da Nova Aliança. Foi por meio delas que os cristãos se incorporaram na cidade e na sociedade. Os Atos dos Apóstolos documentam copiosamente que os primeiros acontecimentos no cristianismo, depois

---

<sup>20</sup> Lc 9,58.

<sup>21</sup> Mc 3,14.

<sup>22</sup> Jo 1,38-39.

<sup>23</sup> Cf. Lc 12,22.30-31.

<sup>24</sup> Cf. Lc 7,36-42.

<sup>25</sup> Cf. Lc 15,11-32.

da morte de Jesus, tiveram lugar em ambiente doméstico. Logo o Pentecostes cristão é situado «na casa em que estavam todos reunidos com um mesmo objetivo...; uma impetuosa rajada de vento encheu toda a casa em que se encontravam»<sup>26</sup>. É inquestionável que era nas próprias casas privadas que os primeiros grupos de seguidores de Jesus se reuniam, rezavam e «partiam o pão», gerando pequenas comunidades domésticas e estabelecendo uma rede social em permanente comunicação da caridade<sup>27</sup>. Vários textos o evidenciam. O mais primitivo apontamento a esse respeito situa o próprio grupo dos apóstolos, com «Maria, a mãe de Jesus, e os seus irmãos», numa casa de oração em Jerusalém, na «sala de cima»<sup>28</sup>. «Com o mesmo espírito partiam o pão nas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração, louvando Deus e gozando da simpatia de todo o povo.»<sup>29</sup> Paulo despede-se dos cristãos acenando: «saudai também a igreja que se reúne na casa deles [Priscila e Áquila]»<sup>30</sup>; «enviam-vos uma calorosa saudação no Senhor Áquila e Priscila, juntamente com a comunidade que se reúne na casa deles.»<sup>31</sup> Pedro, libertado da prisão, «dirigiu-se para a casa de Maria, a mãe de João, com o cognome de Marcos, onde se encontravam muitos reunidos e em oração»<sup>32</sup>. Paulo refere a casa que o hospeda em Corinto<sup>33</sup>.

Estes grupos assemelhavam-se a famílias alternativas. A casa aparece como lugar de revelações e de conversões no âmbito delas, como a de Cornélio e de sua casa por obra de Pedro<sup>34</sup>. Paulo «entrou em casa de um tal Justo, que adorava Deus, cuja casa estava contígua à sinagoga. Crispo, o chefe da sinagoga, acreditou no Senhor com toda a sua casa»<sup>35</sup>.

---

<sup>26</sup> Act 2,1-2.

<sup>27</sup> Cf. Rafael Aguirre, *La fuerza de la semilla: Jesús y los orígenes cristianos en contexto* (Estella: Verbo Divino, 2021), 425-439.

<sup>28</sup> Act 1,12-14.

<sup>29</sup> Act 2,42-47.

<sup>30</sup> Rm 16,5.

<sup>31</sup> 1Cor 16,19.

<sup>32</sup> Act 12,12; cf. 20,7-12; cf. Santiago Guijarro Oporto, *La primera evangelización en los orígenes del cristianismo* (Salamanca: Sígueme, 2016), 163.

<sup>33</sup> Cf. Rm 16,23.

<sup>34</sup> Cf. Act 10 e 11.

<sup>35</sup> Act 18,7-8.



A conversão de uma casa desencadeava o princípio e desenvolvimento do cristianismo numa cidade<sup>36</sup>. A casa e a família eram as pequenas unidades a partir das quais se constituíam maiores comunidades e as igrejas locais. Paulo foi o maior construtor delas. Ao despedir-se dos presbíteros da igreja de Éfeso, diz-lhes: «Preguei-vos e instruí-vos, tanto em público como indo pelas casas.»<sup>37</sup> O apóstolo, além de em público, fazia catequese nas reuniões domésticas da comunidade local. Como Jesus, não entrava numa casa sem, ao sair, a ter transformado um pouco, deixando lá a sua marca e a sua fé. Na sua evangelização, foi recebido em várias casas, verdadeiras escolas de encontro e de fraternidade entre os discípulos de Jesus. A casa preparava para a vida fraterna cristã: era na intimidade da casa que se ministravam e aprendiam os fundamentos de uma personalidade pronta para fazer o bem nas mais diversas circunstâncias<sup>38</sup>. Esta forma de «viver a casa» incutia um estilo de vida, uma forma de ser *cristão*, coisa importante se atendemos ao facto de que a casa, assente nas relações, era a estrutura-base daquela sociedade.

A esta estrutura fundamental que era a casa na Nova Aliança estavam indissoluvelmente ligados os «presbíteros», que não era um título eclesiástico (como soará posteriormente). Eram os chefes das casas, sobretudo das mais abastadas, que gozavam de prestígio e autoridade na sociedade e que estavam presentes nas igrejas cristãs. Eram os chefes das casas que acolhiam as comunidades domésticas e que geralmente exerciam alguma liderança sobre elas. As próprias igrejas domésticas paulinas contavam com estes *presbíteros*, designação genérica diferente da dos chamados *episcopoi*, pelo facto de estes exercerem um ministério ordenado, ofício ou cargo na igreja local<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Cf. Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann, *Historia social del cristianismo primitivo. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas* (Estella: Verbo Divino, 2008), 374-377.

<sup>37</sup> Cf. Act 20,20.

<sup>38</sup> Cf. Artur Pinto, «Contributos para uma espiritualidade da casa,» *Revista de Espiritualidade* 29 (2021): 227-244.

<sup>39</sup> Cf. Aguirre, *La fuerza de la semilla*, 363-381.

### 3. Chaves antropológicas e apelos *oïko*-lógicos da casa

#### 3.1. *A voz antropológica da casa*

Há duas realidades que uma vida não dispensa, para ser humana e realizada: um amor a quem dar-se e uma casa de receção, acolhimento e recolhimento dos que desse amor florescerem, um amor e um espaço onde sentir-se amado e onde praticar a hospitalidade para com os amados. Casa e amor não se deixam dissociar, tão inextricável é a sua relação. Na vida da Nova Aliança, a casa atestava que o amor fraterno e as relações humanas, com o mistério para que apontam, são o melhor da vida. Era o espaço onde a vida se sentia como um bem supremo, onde o existir traduzia em gozo indelével o repouso restaurador, os gestos de maior amizade, o encontro com os outros à mesa posta, festiva: «um fariseu pediu-lhe que comesse com ele; entrando na casa do fariseu, pôs-se à mesa.»<sup>40</sup> A casa era um apelo a desfrutar da polifonia da vida, a construir relações humanas e a inventar o futuro juntos. Os que lá viviam e lá se juntavam «faziam casa», isto é, esboçavam afetos e emoções, partiam e repartiam o pão da vida, o pão da ternura e da amizade, o pão que quase fala ao dar-se e ao ser comido: «partiam o pão nas casas e tomavam a refeição com alegria.»<sup>41</sup> Na casa, o centro estava na relação das pessoas, na procura e no encontro, nos nós e nos laços que vinculam as vidas sem as prenderem. Lá, as pessoas aprendiam a ensopar a vida de sentido e de alegria partilhada e contagiante (varre a casa, encontra a dracma, «alegrai-vos comigo»<sup>42</sup>). Nela celebravam as alegrias necessárias e a tristeza contingente. Sendo espaço interior, a casa era lugar de maturidade. Além de ser habitação, era também o lugar onde mais livremente se vivia a dimensão emocional da pessoa, onde mais provavelmente aconteciam as coisas importantes e se escreviam as histórias decisivas de uma vida. Era o clima onde a vida humana nascia e vivia de amor, educando para a afetividade em cada dia que passava. Era o lugar onde a vida era gerada,

---

<sup>40</sup> Lc 7,36; cf. Jo 12,2.

<sup>41</sup> Act 4,46.

<sup>42</sup> Lc 15,8-10.

cuidada e protegida em todas as fases, primeira estrutura de acolhimento desde a infância à fase crepuscular<sup>43</sup>.

A casa da Nova Aliança era sacrário das relações familiares e mais íntimas, uma cerca de amada solidão e privacidade, a zona de conforto do coração, que nunca abandona a casa onde pulsou de amores. Espaço privilegiado para os encontros pessoais e para tecer relações sólidas em rede espontânea, a casa punha em ação o recomendado e desejado amor fraterno. Nela a família podia não ser perfeita, mas vivia unida pelo travejamento da voz do sangue e das raízes profundas. A casa cristã construía um amor que podia ser sincero sem ser agressivo, que podia pedir sem reivindicar, que era capaz de escutar antes de falar, que compreendia mesmo quem errava. Mas a casa também sossegava os medos e a insegurança, apesar das suas paredes transponíveis<sup>44</sup> e dos seus terraços ou telhados violáveis<sup>45</sup>. Era sempre o sítio certo para estar. Proporcionava um calmo porto de abrigo, procurado por Jesus e pelos seus discípulos para se refugiarem das tempestades do mar da Galileia<sup>46</sup>, para quebrarem a pressão do cansaço e da agitação multitudinária<sup>47</sup>. E sugeria o desejo corpóreo da segurança salvífica a que somos devolvidos depois de termos estado perdidos: «Levanta-te, toma a tua enxerga e vai para tua casa.»<sup>48</sup> Era sobretudo na casa – onde as pessoas eram *próximo*, onde as vidas se fundiam e se tornavam mais afetuosas – que se instaurava a presença reinante e salvífica de Deus no meio das pessoas que se abriam a ela. E, onde se dava lugar ao reino de Deus, sentia-se vontade de fazer o bem aos outros, a todos.

Não nos fixando só na fachada da casa, sabemos que ela não é só chão de virtudes humanas. Nos rincões mais escuros também pode despertar o desejo da posse e a vontade de parecer grande, a cultura do prazer, do ter e do «útil» da casa que facilmente conduz ao consumismo, a tentação de

---

<sup>43</sup> Lc 2,51-52.

<sup>44</sup> Jo 20,19.

<sup>45</sup> Lc 5,19.

<sup>46</sup> Mc 1,16-20; 4,35-41; Mt 14,24-34.

<sup>47</sup> Mc 7,17.24; 9,33; 10,10; 1,29; 2,15.

<sup>48</sup> Lc 5,24-25.

viver a história em primeira pessoa e de não olhar para lá dos limites da própria casa. Até é o lugar onde mais facilmente discutimos, ultrapassando as paredes e os limites do decoro familiar e humano. Mas as casas da Nova Aliança estavam destinadas a ser casas de paz: «Em qualquer casa em que entrardes dizei primeiro: “Paz a esta casa!”. E se lá houver alguém de paz, repousará sobre ela a vossa paz.»<sup>49</sup> O bem-estar em casa favorecia uma existência de harmonia e de ordem interior dentro dela, cultivada também com a paz que vinha de fora.

### 3.2. Remissões ecológicas da casa

Mas, se é numa casa *nova* que as pessoas se tornam *próximo*, Deus tornava-se vizinho e íntimo em qualquer lugar. E Jesus, que ia às casas onde se comia e bebia, onde se sofria e chorava, onde se vivia e morria, às casas dos amigos e dos opositores, também andava pelos caminhos pedregosos, à beira do rio e junto ao mar. O *evangelho* acontecia nas casas da Palestina, mas também nos campos semeados, nos montes e colinas, nas aldeias e nas cidades, na sinagoga e no templo. E as relações com a casa da Nova Aliança – que quer estender a sua força até à casa de hoje – prolongavam-se na rua e na magnificência da natureza, desde a humildade da violeta ao fulgor das montanhas. A vida humana era significativa também para lá das paredes da casa, que se prolongava dilatando a sua capacidade de acolher para dentro e de comunicar para o exterior. De facto, a dinâmica da existência humana movia-se do interior da casa para o campo aberto da natureza: «De manhã muito cedo, ainda escuro, [Jesus] levantou-se, saiu e retirou-se para um lugar deserto e aí rezava.»<sup>50</sup> Nas casas e na sua atmosfera interior a vida escondia o afeto e o cuidado pelas pessoas, que se estendia manifestamente à natureza. As casas eram um apelo para atender às relações em que se joga a existência humana, entre as pessoas e com a natureza. Nelas se repassava e repensava através da palavra e da reflexão o que se via, ouvia e vivia fora. A delicadeza para

---

<sup>49</sup> Lc 10,5-6.

<sup>50</sup> Mc 1,35.

com a vida humana, plantas e animais em casa continuava quando a pessoa saía e se confrontava com a natureza, que também já estava em casa. As lições de vida que se aprendiam dentro das paredes exercitavam-se fora delas: «observai os lírios do campo.»<sup>51</sup> Realmente, uma «vida cheia» não se esgota na estreiteza da casa. Distendendo a relação a outras pessoas, à natureza e a Deus, dispomo-nos a «salvar a nossa circunstância» – parafraseando Ortega y Gasset. Se, fechados em casa, os problemas quotidianos se levantam gigantescos, a visão que alarga o horizonte para fora dela torna-os transponíveis.

Jesus deu importância especial a um ponto da casa: a porta. Bem sabemos que dela depende muito a vida na casa: defende-a, protege-a dos assaltantes, dá segurança aos habitantes. Jesus imprimiu-lhe particular relevo identificando-se com ela: «Eu sou a porta: se alguém entrar através de mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem.»<sup>52</sup> Pela soleira da porta, a casa abre-se ao acolhimento e as pessoas recebem bem. A porta abre a entrada e faculta a saída. Reduz as limitações e os confins da casa. Graças à porta, a casa tornava-se maior do que os seus problemas, dando-lhes saída e resolução. Pelas suas portas, a casa abria-se à imensidão, ao infinito, aos outros e à natureza. Mas o anúncio do evangelho fazia do mundo uma casa para todos: «Vendo a multidão, [Jesus] subiu ao monte, sentou-se e os seus discípulos aproximaram-se dele; tomando a palavra ensinava-os.»<sup>53</sup> Os que abriram a porta da casa a Jesus abriram-na ao reino de Deus e puderam participar das delícias do seu lauto banquete: «Eis que estou a porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa [*eiseleúsomai pros autón*] e cearei com ele e ele comigo.»<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> Mt 6,28.

<sup>52</sup> Jo 10,8-9; cf. 10,1-3.

<sup>53</sup> Mt 5,1.

<sup>54</sup> Ap 3,20.

#### 4. Casa – a metáfora

Na linguagem e cultura bíblicas, a *casa* desdobra-se em várias significações, com efeitos extensivos, funcionando como realidade polissêmica, segundo os contextos em que aparece. Em sentido próprio, é o edifício para habitação. Mas pode ser tratada como metáfora que aponta para realidades superiores por ela conotadas: o templo, casa de Deus (Jesus ameaça, referindo-se à destruição do templo no ano 70: «a vossa casa ser-vos-á deixada deserta»<sup>55</sup>), e o palácio, casa régia, um grupo humano, uma dinastia (como na expressão «casa de David»), a linhagem de uma família, estirpe, tribo e até um povo<sup>56</sup>. Fala-se frequentemente da «casa de Israel e da casa de Judá» e também da «casa de Jacob», indicando todo o povo israelita. O relato de 2Sm 7, na voz do profeta Natán, joga com estes vários significados de *casa*: David desejava construir uma casa-templo para Deus, mas Deus replica que lhe contruirá uma casa-dinastia e abençoará a sua casa-palácio-linhagem. Segundo a corrente de pensamento aí expressa, Deus não precisa de uma «casa de cedro» para habitar. Não se confina a um determinado espaço/edifício<sup>57</sup>. Habita na casa que é a vida humana: «plantarei o meu povo Israel para nele habitar.»

Alinhando por esse prisma metafórico, o Novo Testamento dá ao santuário terreno o título honorífico de «casa de Deus»<sup>58</sup>, de «casa de oração»<sup>59</sup> e de «casa de meu Pai»<sup>60</sup>. Aliás, a expressão «casa de Deus» no cristianismo primitivo alargava explicitamente o seu sentido metafórico até à comunidade dos crentes em Jesus. Dentro da força da metáfora, os membros da comunidade cristã são «membros/habitantes da casa

---

<sup>55</sup> Mt 23,38.

<sup>56</sup> O uso metafórico de *casa* tinha estreitos paralelos com o mesmo uso linguístico no antigo Próximo Oriente, incluindo o Egito, e na língua grega. Tanto em hebraico como em grego, *casa* também indicava tudo o que lhe estava associado: as mobílias, os bens, a propriedade familiar, as coisas com que as pessoas lidavam; cf. Ono Michel, «oikos – oikia,» in *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VIII, ed. por Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich (Brescia: Paideia, 1972), 337-377.

<sup>57</sup> Cf. 1Re 8,27.

<sup>58</sup> Mc 2,26 e paralelos.

<sup>59</sup> Mc 11,17 e paralelos.

<sup>60</sup> Lc 2,49; Jo 2,16.

[familiares: *oikeioi*] de Deus»<sup>61</sup>. A avançada cristologia de Heb 3,1-6 usa com toda a naturalidade a equação «comunidade = casa de Deus», vendo Jesus «Cristo à frente da sua própria casa, que somos nós». Ef 2,22 retoma e desenvolve a metáfora dizendo que «no Senhor também vós estais a ser edificados com eles [familiares de Deus] para habitação de Deus no Espírito». A comunidade cristã também é chamada «casa espiritual, para um sacerdócio santo»<sup>62</sup>: um edifício espiritual, conectado imageticamente ao templo de pedra de Jerusalém e remetendo como ele para a transcendência. Assim mesmo, em 2Tim, *casa* significa metaforicamente a Igreja: «Numa casa grande não há somente utensílios de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro.»<sup>63</sup> E Mateus aplica a metáfora da «casa/família» tanto à comunidade dos crentes em Jesus como ao «reino dos céus»: «dar-te-ei as chaves do reino dos céus.»<sup>64</sup> Em 2Cor 5,1-10, Paulo usa o vocabulário grego ligado à *casa* (*oikia*, *oikodomé*, *oiketérion*) como metáfora para o *corpo*, com a ideia subjacente da caducidade do corpo terreno, para o opor à «casa eterna nos céus», à pessoa em estado definitivo: «Se a nossa casa [*oikia*] terrena, esta tenda de campanha, se desmorona, temos um edifício [*oikodomé*] que vem de Deus, uma casa [*oikia*] eterna nos céus, não feita por mão humana. E assim suspiramos neste estado, desejando ardentemente ser revestidos da nossa habitação / morada [*oiketérion*] que vem do céu.»<sup>65</sup> Paulo afiançava a «permanência do perdido / para ligar o eterno ao tempo ido» – como diria Sophia de Mello Breyner Andresen<sup>66</sup>.

Continuando o uso metafórico de *casa*, Paulo apresenta o seu ministério de pregação como *oikonomía*, isto é, como tarefa da administração

---

<sup>61</sup> Ef 2,19; 1Ped 4,17; 1Tim 3,15.

<sup>62</sup> 1Ped 2,5.

<sup>63</sup> 2Tim 2,20.

<sup>64</sup> Mt 16,19.

<sup>65</sup> O uso metafórico de *casa* leva a ver um doente como «casa» do «espírito imundo»: Mt 12,44 e Lc 11,24. E a casa edificada sobre a rocha é explorada por Jesus como metáfora para dizer o homem prudente que «põe em prática estas minhas palavras»: Mt 7,24-25.

<sup>66</sup> Na poesia *Carta de Natal a Murilo Mendes*: Sophia de Mello Breyner Andresen, *O Nome das Coisas* (Lisboa: Moraes Editores, 1977).

de uma casa<sup>67</sup>. E define-se a si próprio como «administrador da casa [encarregado: *oikonomos*] dos mistérios de Deus»<sup>68</sup>. Várias designações dos cristãos nas igrejas apostólicas (irmãos, servos, amor ao próximo...) inspiraram-se na distribuição das funções – e no contexto – das respetivas casas e na terminologia relativa a elas: por exemplo, Paulo esperava que Onésimo mudasse a condição social de *escravo* em *irmão*. Pelo visto, teve grande importância a significação das casas para o acolhimento dos crentes em Jesus e para a solidariedade entre si<sup>69</sup>.

Em síntese, a casa englobava todo o viver. Obra de arte arquitetónica e de engenharia, desenhava o espaço da vida e da identidade de um grupo alargado de pessoas. Estava onde havia uma família a conviver: era o lugar do encontro e da vida quotidiana, da totalidade da vida, portanto, também do encontro com Deus no culto (em hebraico e no correspondente grego). A ida ao templo fazia parte da vida de casa. Pelo menos, não eram lugares estanques. O israelita unia a vida em casa com a ida ao templo nas festas: ligava Deus à casa, a oração restauradora ao trabalho cansativo, o Transcendente ao imanente, fazendo oscilar a vida entre a precariedade e o apelo às «fontes onde mora a plenitude»<sup>70</sup>: «Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai?»<sup>71</sup>; «na casa de meu Pai há muitas moradas.»<sup>72</sup>

## Conclusão

Entre as potencialidades da metáfora *casa* na Nova Aliança não encontramos uma que a refira e transfira para o planeta Terra. Mas a casa, guarida e proteção dos seus habitantes, que está conotada com o acolhimento e a defesa, com o sustento e a entreatajuda..., a casa que precisa de ser cuidada, mantida, reparada e renovada, pode dilatar o seu poder

---

<sup>67</sup> Cf. 1Cor 9,17.

<sup>68</sup> 1Cor 4,1-2.

<sup>69</sup> Cf. P. Weigandt, «*oikos* – casa,» in *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, II (Salamanca: Sígueme, 2002), 500-508; e Stegemann, *Historia social del cristianismo primitivo*, 376-379.

<sup>70</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *Poesia* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2019), 70 (*As fontes*).

<sup>71</sup> Lc 2,49.

<sup>72</sup> Jo 14,2.



metafórico ao planeta Terra, que recentemente se vem chamando «casa comum», vendo-a como a grande casa que dá hospitalidade à humanidade e a todos os seres vivos. Não é descabida a ousadia desta metáfora. A Terra é o espaço original que primeiro hospedou os humanos que nela foram aparecendo e nela foram migrando: acolhidos no espaço reduzido ou no campo aberto, foi para eles aquilo que viria a ser a sua casa. De facto, já a casa pré-urbana por sua natureza alberga o ser humano mas também outros seres vivos. É *comum* a todos eles: todos podem conviver (humanos, animais, plantas e árvores), protegendo-se e entreadjudando-se mutuamente.

A metáfora *casa comum*, dita da Terra como casa de todos os humanos e de todo o capital natural, tem a vantagem de brindar um horizonte mais alargado e de procurar soluções globais para os problemas globais que são os do ambiente e da sociedade humana. Desafia para uma ecologia integral, planetária, que abrigue todos delicadamente na única *casa comum*. Une o grito dos pobres ao grito da Terra, que clamam pela mesma urgência de serem cuidados, eles e ela<sup>73</sup>. Os grandes valores que promoverão a salvação dela não são as ideologias já ensaiadas (racionalismo, iluminismo, capitalismo, socialismo, comunismo...); elas fracassaram na realização do propósito almejado<sup>74</sup>. A solução pode ser avantajada por meio da metáfora *casa comum*, estendendo a tensão positiva e a continuação real entre a casa e a Terra, até ao ponto em que a Terra aparece como «casa»<sup>75</sup>. Interiorizando a ideia de que estamos todos – humanos

---

<sup>73</sup> «Estes dois caminhos têm origem no evangelho de Cristo»: Papa Francisco, aos participantes no Encontro Mundial das Comissões Justiça e Paz das Conferências Episcopais, a 17 de novembro 2021; cf. Leonardo Boff, *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (Petrópolis: Vozes, 2015).

<sup>74</sup> Cf. Leonardo Boff, *O Doloroso Parto da Mãe-Terra: Uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social* (Petrópolis: Vozes, 2020).

<sup>75</sup> Quando aqui falamos do planeta Terra como «casa comum» construímos uma metáfora. Não tomamos à letra a ligação dos dois termos, pois a Terra não é uma casa. Portanto, não entendemos aqui *metáfora* como uma mera comparação ilustrativa ou embelezamento poético ou mera figura retórica, segundo o uso corrente até meados do séc. xx. Entendemo-la como «metáfora viva», no sentido forte em que a entende, por exemplo, Paul Ricoeur, *La metáfora viva* (Madrid: Cristiandad, 1980). O «interessante» da transferência metafórica está em gerar um sentido novo e incisivo, alargando o recheio semântico da Terra, em que as ideias se compenetraram. Atribui à Terra enquanto *casa comum* uma significação da casa que só lhe convém sob um aspeto e sob uma dimensão, excluindo outros vários aspetos. Na metáfora da

e natureza – na mesma *casa comum*, descobrimo-nos mais facilmente como seres de relação global, «seres com» todos e «seres para» todos: viveremos melhor se «com-vivermos» e nos sentirmos (de facto estamos) todos interligados, protegendo-nos e cooperando solidariamente, como acontece numa casa-família, sob o princípio «um por todos e todos por um», onde todos procuram o bem comum ou se vão degradando para o mal comum.

Assim como chamamos *habitat* natural ao conjunto de características ou condições do meio ambiente onde vivem seres vivos, vegetais, animais e humanos, também a metáfora da Terra como *casa comum* nos convida a conviver sinfonicamente numa *casa* própria de cada um mas também comum a todos. A natureza não deveria ser um lugar a visitar. Integrand-o o planeta Terra, deveria ser considerada também nossa casa, por nós respeitada dentro de uma espécie de aliança natural tácita, em que «cada criatura tem um valor e um significado»<sup>76</sup>. Realizamo-nos todos plenamente, dando e recebendo: os humanos cuidando da natureza e respeitando-a, e a natureza dando o muito que tem para oferecer gratuitamente e que é indispensável para a vida dos humanos. A natureza tem cumprido a sua parte, dando-se aos humanos. É imperioso que os humanos – que têm consciência – cumpram com a sua, reconhecendo que tudo o que existe merece existir e que tudo o que vive merece viver. O futuro está nas mãos dos humanos, que terão o que escolherem. A opção certa tem custos e supõe renúncias, sim. Mas a alternativa que deteriora a *casa comum* terá como consequência a triste sentença do evangelho: «foi grande

---

«Terra vista como *casa comum*», a Terra é e não é simultaneamente o que a *casa* afirma dela, como o templo de Jerusalém era e não era casa de Deus. É casa comum, porque protege, defende, acolhe, nela pernoitam elementos de natureza diversa com algo em comum, e porque é espaço com recursos para alimentar os que a habitam. Mas o planeta Terra simplesmente não é uma casa, até porque alguém poderá dizer que a Terra está longe de ser uma casa: com ciclones, tufões, furacões, tornados, terremotos e erupção de vulcões, mata os seus habitantes, em vez de os acolher e respeitar. O que não cabe na atribuição ou na transferência realizada pela metáfora faz parte do seu não é, muito importante nela, pois obriga a não tomá-la à letra. De resto, a metáfora vive desta tensão positiva entre o é e o não é. Em última análise, porém, a metáfora quer afirmar que a Terra é mesmo *casa comum*; cf. Armindo dos Santos Vaz, *Palavra Viva, Escritura Poderosa: A Bíblia e as suas linguagens* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013), 316-318.

<sup>76</sup> Papa Francisco, *Laudato si'*, 76.

a sua derrocada.»<sup>77</sup> A casa comum que é o planeta Terra foi-nos dada de graça: recebemos uma casa, não podemos legar um casebre inquinado. Sujá-la até à degradação ou carbonização é deslealdade e falta de civilidade/civilização. A qualidade de vida agradável que a casa comum, limpa e acolhedora, proporcionava desde «o princípio» aos seus habitantes está ameaçada e altamente comprometida, pela carência de ética na gestão da casa comum e da «coisa comum». Se os habitantes da casa não praticarem a frugalidade equilibrada que garanta a sua sustentabilidade e se, ao contrário, optarem pelo esbanjamento e inquinamento generalizado, em breve serão eles as vítimas dos seus desatinos. Ora, dentro da metáfora da *casa comum*, isso já está a acontecer. As conhecidas grandes cidades poluidoras pelo uso do carvão não oferecem uma casa saudável aos seus habitantes, contribuindo para aumentar o efeito de estufa da «casa comum» a todos os outros habitantes. Numa casa que o seja de verdade, a «ecologia integral», que atende às interações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente que os cerca, apela ao cuidado ambiental (de mantê-la limpa), económico (com uma cultura de poupança), humano e social (com boas relações mútuas entre todos os seus habitantes)<sup>78</sup>. A *Plataforma de Acção Laudato si'* convida as famílias a agirem em defesa do planeta Terra como da sua própria casa. Sentindo o mundo como nossa casa, mais facilmente assumimos que se pode viver bem sem destruir. Vendo a natureza como prolongamento da nossa casa, melhor cuidaremos dela e estimá-la-emos como nossa ou como se nela lêssemos a etiqueta: «trate com cuidado – *handle with care*.»

### Bibliografia

- Aguirre, Rafael. *La fuerza de la semilla: Jesús y los orígenes cristianos en contexto*. Asociación Biblia Española, Artículos selectos 2. Estella: Verbo Divino, 2021.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. *O Nome das Coisas*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2019.

---

<sup>77</sup> Mt 7,26-27.

<sup>78</sup> Papa Francisco, *Laudato si'*, 137.

- Boff, Leonardo. *O Doloroso Parto da Mãe-Terra: Uma sociedade de fraternidade sem fronteiras e de amizade social*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- Boff, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Edição revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2015.
- Guijarro Oporto, Santiago. *La primera evangelización en los orígenes del cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 2016.
- Michel, Ono. «oikos – oikia.» In *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, VIII, ed. por Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, 337-377. Brescia: Paideia, 1972.
- Moloney, Francis J. *El evangelio de Juan*. Estella: Verbo Divino, 2005.
- Papa Francisco. *Encontro Mundial das Comissões Justiça e Paz das Conferências Episcopais*, 17 de novembro 2021.
- Papa Francisco. *Laudato si'*, 137.
- Pinto, Artur. «Contributos para uma espiritualidade da casa.» *Revista de Espiritualidade* 29 (2021): 227-244.
- Ricoeur, Paul. *La metáfora viva*. Madrid: Cristiandad, 1980.
- Ronchi, Ermes Maria. *As Casas de Maria*. Paulinas: Prior Velho, 2009.
- Stegemann, Ekkehard W., e Wolfgang Stegemann. *Historia social del cristianismo primitivo. Los inicios en el judaísmo y las comunidades cristianas*. Estella: Verbo Divino, 2008.
- Vaz, Armindo dos Santos. *Palavra Viva, Escritura Poderosa: A Bíblia e as suas linguagens*. Estudos teológicos 12. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.
- Weigandt, P. «oikos – casa.» In *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, II, 500-508. Salamanca: Sígueme, 2002.

Artigo submetido a 28.12.2021 e aprovado a 04.02.2022.

